

Cidades.



EDITORA:
ANDRÉA PIRAJÁ
 apiraja@redgazeta.com.br
 Tel.: 3321.8446
 agazeta.com.br/cidades
 gazetacidades

DESESPERO DE MÃE: SOFRIMENTO QUE A DROGA IMPÕE DIA APÓS DIA

Elas veem os filhos serem mortos ou se afundarem no crack

Reportagem:
Vilmara Fernandes

Fotos:
Carlos Alberto Silva

Não há palavras que possam expressar a dor de Cristina, Maria e Sandra (nomes fictícios). As três moram em pontos diferentes do Estado, mas sofrem com a saudade imposta pelos assassinatos de seus filhos ou pelo domínio que o crack exerce sobre eles. A droga, que arrasta para a degradação e morte mais de 370 mil usuários nas capitais brasileiras, transforma em vítimas também suas famílias.

Um sofrimento que vem se alastrando pelo interior do Estado. Foi o que constatou levantamento realizado pela Confederação Nacional dos Municípios (CNM), a partir de informações das próprias prefeituras.



Cristina tem três filhos, um deles deficiente, todos usuários de crack

REALIDADE

No Espírito Santo, 17 cidades – todas do interior – apresentam alto nível de problemas decorrentes do consumo de crack. Outras 32 estão em risco médio, incluindo Vitória, Vila Velha, Cariacica e Viana –, o que indica que quase dois terços dos 78 municípios enfrentam sérios problemas com a droga. O mapeamento considerou as ações, os programas de atendimento e de enfrentamento à droga.

Para conferir esta realidade, A GAZETA, conforme divulgado na edição de ontem, visitou oito municípios incluídos no mapeamento do crack. Lá nossas equipes constataram os estragos que a droga tem feito.

São cidades que não possuem cracolândias, mas já apresentam cenas antes comuns na Grande Vitória, como venda de drogas nas esquinas,

“

Estou sem rumo, com medo de arrumar um emprego e ter que sair correndo. Com medo de alguém fazer algo e matá-lo. Não tenho sossego, estou sempre atrás dele. Nem durmo.

MARIA, 44 ANOS
 GUAÇUÍ

aviõezinhos nas ruas – algumas fechadas à noite para tentar impedir a passagem da polícia –, jovens envolvidos com o tráfico, prostituição nas praças, a degradação física dos usuários e o acirramento da violência que tantos tem vitimado.

É o caso dos filhos de Maria e Sandra, assassinados por traficantes. “Da minha casa ouvi meu filho gritar: ‘Pai, achei’. E meu marido perguntar: ‘Tá vivo?’, e receber a resposta: ‘Não’”, conta Maria, mal contendo as lágrimas. Foi assim que terminou a noite de buscas pelo filho, encontrado em um valão, morto com cinco tiros.

O filho dela foi retirado de dentro de casa por amigos adolescentes que a comunidade garante serem traficantes. Estaria vendendo drogas na área de outro traficante. Na cidade onde ela

“

Já filmei um filho usando crack no banheiro. Já peguei minha filha correndo nua pela cidade. Hoje agradeço a Deus quando não acontece nada de ruim, por meus filhos não terem morrido.

CRISTINA, 40 ANOS
 BOM JESUS DO NORTE

vive, em Sooretama, Norte do Estado, há conflitos entre bocas de fumo que ficam em lados opostos da BR 101, que corta o município.

O filho de Sandra foi assassinado em Guaçuí, Sul do Estado. Três tiros, vindos de traficantes, encerraram a vida do jovem de 19 anos, no bairro São Miguel, um território das drogas, segundo moradores da cidade. A mãe chegou a dopar o filho para mantê-lo longe do crack. “Ficava vários dias sem banho, sem comida”, desabafou.

Ela agora enfrenta outro drama. Tenta resgatar das garras da mesma droga outro filho, de 21: “Esperneio, grito, bato, prendo dentro de casa, tudo que está ao meu alcance faço. Mas não tenho sossego”, diz.

Não é menor o drama de Cristina, de Bom Jesus do Norte, também no Sul. Ela tem três filhos, um deles deficiente, todos usuá-

rios de crack. E pior, todos têm sífilis. “Já estou nesta vida há três anos”, diz.

Os dois netos que cria são da filha mais velha. “Ela se prostitui”, conta. “Quem rouba é o menor”, diz sobre a forma do caçula, que é surdo, manter o vício.

Para mantê-los por perto, mesmo agressivos após noites viradas no consumo de drogas, Cristina dividiu a casa em duas partes. Em um lado, os filhos, e no outro ela mora com o marido e os netos. “Quando estão em casa brigam até por um prato de comida, por um pedaço de carne”, conta, em prantos.

Cristina já foi várias vezes até a bocas impedir que drogas fossem vendidas para seus filhos. Por isto, e por dívidas não pagas por eles, está sendo ameaçada. “Não sei mais o que fazer”, diz a mulher que já anda sem sonhos e esperanças.



Uso de crack: até outubro foram internadas 1.286 pessoas, um total dezesseis vezes maior do que o de 2011

INTERNAÇÕES EM CLÍNICAS CUSTAM R\$ 17 MILHÕES EM DEZ MESES

É o valor gasto pelo Estado na compra de leitos particulares

Até o mês de outubro a Secretaria de Estado da Saúde (Sesa) gastou mais de R\$ 17 milhões com a internação compulsória – garantida na Justiça – de usuários de drogas. Os recursos foram gastos na compra de leitos em clínicas particulares que chegam a custar, por mês, de R\$ 10 mil a R\$ 15 mil. No total não estão incluídos os gastos com dezenas de outros pacientes que são internados nos hospitais públicos do Estado.

Nos primeiros dez meses deste ano foram internadas 1.286 pessoas, um total dezesseis vezes maior do que o de 2011, quando deram entrada nas clínicas 79 pacientes. Naquele ano foram gastos R\$ 2 milhões com as internações compulsórias.

A expectativa é de que o ano se encerre com o registro de 1.500 internações.

O crescimento destas estatísticas demonstra, segundo Tadeu Marino, secretário de Saúde, o tamanho do desafio para as instituições públicas que precisam lidar com o que já vem sendo tratado como uma epidemia.

Revelam ainda que os governos – seja municipal, estadual ou federal –, assim como a sociedade, não estavam preparados para lidar com a situação. “Não para a quantidade de pessoas que precisam frequentar o sistema de atendimento mental. Temos feito um investimento maciço na compra de leitos”, relata Marino.

O problema é que leitos

em clínicas de um bom padrão já estão ficando escassos e a alternativa, segundo o secretário, tem sido recorrer à comunidades terapêuticas.

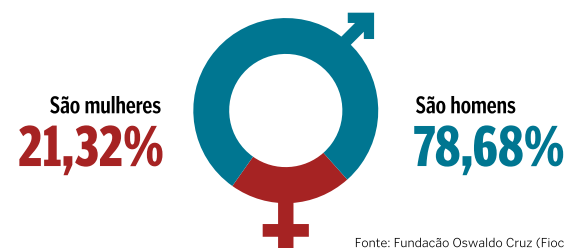
A situação é mais complicada se o paciente for adolescente, mas principalmente do sexo feminino. “Só temos dois lugares que internam mulheres”, destaca a subsecretária Rosana Mageste.

TEMPO

Em média um usuário de drogas fica internado por seis a nove meses. Agravava o quadro o fato de que em 80% dos casos há retorno ao vício. “Temos pacientes que chegam a frequentar mais de três clínicas por ano”, relata o secretário.

Para a Sesa, o Espírito

População usuária Nas Capitais



Fonte: Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

Santo vive uma epidemia do crack e o número de usuários internados está distante da realidade das ruas. “É o que conseguimos internar. Mas dentro de casa tem muitos que não chegam ao nível de exposição que desespera a sociedade”, pondera Marino.

Ele pontua que a Saúde pega a parte final da história, recebendo o usuário já em uma fase muito deteriorada. “É uma droga que desumaniza muito rápido. Há pacientes que comem até papel”, diz, acrescentando que o enfrentamento para este tipo de epidemia precisa envolver as áreas de educação, assistência social, segurança, as igrejas e setores sociais. “Não é só um problema de saúde”.



Dree Elle Freitas trabalha na recuperação de usuários

EM GUAÇUÍ, MENINO DE 11 ANOS USA CRACK

Por semana, sete usuários procuram o Centro de Atenção Psicossocial (Caps) de Guaçuí em busca de atendimento contra as drogas. “Um número muito elevado para uma cidade com menos de 30 mil habitantes”, destaca a coordenadora Dree Elle Mendonça Freitas, que no dia da entrevista já tinha atendido dois pa-

cientes novos.

O perfil dos usuários da cidade é de jovens, muitos usando o crack. “Temos um de 11 anos”, relata ela. Em muitas situações a família quer internar o paciente. “Mas isso nem sempre é o ideal, mas quando é necessário, a família não pode se isentar da responsabilidade”, acrescenta.

A situação também é

grave em Pinheiros, relata a secretária de Saúde, Elizabete Batista Pereira Silva: “Temos um índice grande de dependentes químicos, não só de crack”. Um deles a surpreendeu. O pedido de ajuda para sair do crack veio de um funcionário da Saúde. “Não é fácil”, assinalou.

O município, que possui quatro bairros em situação delicada em relação ao

crack, não conta com Caps. “Temos um psiquiatra que atende quinzenalmente”, disse Elizabete.

Já Divino de São Lourenço, incluída no mapeamento do crack como cidade de alto risco, garante não possuir casos da droga. “Fiquei surpreso. Nosso problema é com maconha e alcoolismo”, disse Natan Silva, chefe do departamento de Saúde.